

Aprendizagem Experiencial No Estágio Curricular Supervisionado: A Formação Docente Em Ciências E Biologia No Interior De Goiás

Elísia Gabriela Pereira De Sá, Gustavo Lopes Ferreira

(Instituto Federal Goiano – Campus Ceres, Brasil)

(Instituto Federal Goiano – Campus Ceres, Brasil)

Resumo:

O presente artigo, escrito em formato de relato de experiência, analisa as vivências de uma estagiária durante o Estágio Curricular Supervisionado I e II do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas de uma instituição federal brasileira, localizada no interior do estado de Goiás, compreendendo-o como eixo fundamental na articulação entre teoria e prática na formação docente. No Estágio I, a ênfase recaiu sobre a observação da realidade escolar, evidenciando aspectos estruturais, metodológicos e sociais que influenciam diretamente o processo de ensino-aprendizagem, tais como o uso pedagógico das tecnologias, as dificuldades de leitura e escrita dos discentes e a limitação no acesso a práticas laboratoriais. Já o Estágio II, possibilitou a transição da observação para a regência, com a construção de planos de aula, aplicação de metodologias diversificadas, enfrentamento de situações de indisciplina e adaptação das estratégias pedagógicas às demandas específicas das turmas. As experiências vivenciadas reforçam a concepção de que a formação do professor exige planejamento crítico, flexibilidade metodológica e constante reflexão sobre a práxis, elementos que não apenas favorecem o desenvolvimento acadêmico dos alunos, mas também consolidam a identidade docente em sua dimensão social e transformadora.

Palavras-chave: Estágio curricular supervisionado. Formação docente. Práxis pedagógica. Ensino de Ciências. Identidade profissional.

Date of Submission: 04-11-2025

Date of Acceptance: 14-11-2025

I. Introdução

O Estágio Curricular Supervisionado constitui-se como um eixo estruturante dos cursos de licenciatura, sendo regulamentado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior, que o define como uma atividade obrigatória para a formação de professores da Educação Básica (Brasil, 2015; Brasil, 2024). Mais do que uma exigência legal, o estágio representa uma etapa fundamental do processo formativo, na qual o licenciando vivencia a articulação entre a teoria e a prática, consolidando saberes pedagógicos, científicos e humanos construídos ao longo da graduação. Segundo Morais, Ferreira e Schütz (2024, p. 47), o currículo das licenciaturas deve propiciar a integração entre a formação específica e a pedagógica, “equilibrando a aquisição de competências e habilidades com a compreensão crítica das dimensões políticas e sociais da educação”. Nesse sentido, o estágio é compreendido como um espaço de aprendizagem experiencial que possibilita ao futuro docente o desenvolvimento de uma postura investigativa e reflexiva diante dos desafios do cotidiano escolar.

No contexto do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal Goiano – Campus Ceres, localizado no interior do Estado de Goiás, Brasil, o Projeto Pedagógico de Curso (PPC) estabelece o estágio supervisionado como uma dimensão essencial da formação inicial, com o propósito de articular os conhecimentos teóricos e práticos da docência (IF Goiano, 2017, p. 34). O documento orienta que o estágio deve proporcionar ao licenciando experiências de observação, participação e regência em ambientes escolares, favorecendo a compreensão da realidade educacional e o desenvolvimento de competências profissionais necessárias à prática docente. Essa concepção ultrapassa o caráter meramente técnico do estágio, reconhecendo-o como um espaço de reflexão crítica e de produção de saberes pedagógicos, conforme defendem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores (Brasil, 2015). Assim, o Estágio Curricular Supervisionado em Ciências Biológicas contribui de maneira decisiva para a consolidação da identidade docente, promovendo a autonomia intelectual, a consciência ética e o compromisso social do futuro professor com uma educação democrática, inclusiva e transformadora.

Para John Dewey (1859-1952), filósofo e educador americano, a educação deveria ser baseada na experiência prática e no aprendizado ativo. Nesta sua concepção, podemos refletir que o Estágio pode ser visto

como uma aplicação direta do seu conceito de “aprendizado experiencial”. Segundo Dewey (1979), o conhecimento não é apenas transmitido, mas construído por meio da interação com o mundo real. Nesse contexto, seria um momento em que o indivíduo aprende a fazer, conectando teoria e prática. Para Dewey, isso não apenas desenvolve habilidades profissionais, mas também prepara o estudante para ser um cidadão ativo e reflexivo.

Compreender o estágio como uma oportunidade formativa é essencial para consolidar os saberes pedagógicos, metodológicos, filosóficos, sociológicos e específicos adquiridos durante a graduação, uma vez que teoria e prática caminham juntas na construção da identidade docente, ambas são responsáveis por promover o comprometimento do docente na busca pela melhoria constante do ensino (Lemes et al., 2011). Portanto, o estudante assimila os conhecimentos teóricos aprendidos e os adapta à prática, desenvolvendo novas habilidades e compreensões. Esse processo permite ao estagiário reorganizar seus esquemas mentais e alcançar níveis mais avançados de competência e autonomia. Inspirado por pensadores como Paulo Freire (1921-1997), especialmente em *Pedagogia do Oprimido* (1968), o estágio também se apresenta como um espaço para a *práxis*, entendida como a reflexão crítica e a transformação da prática docente.

Ao vivenciar situações concretas, o estagiário da Licenciatura em Ciências Biológicas tem a oportunidade de identificar os desafios de se ensinar Biologia na educação básica, avaliar o impacto de suas escolhas pedagógicas e buscar soluções para os problemas enfrentados em sala de aula.

No contexto do Estágio Curricular Supervisionado, a adoção de práticas pedagógicas como projetos interativos e atividades lúdicas vem se mostrando uma estratégia eficaz para promover o engajamento dos estudantes no processo de aprendizagem. Entende-se por projetos interativos propostas didáticas planejadas que privilegiam a participação ativa dos alunos, a construção coletiva do conhecimento e o emprego de recursos (incluindo tecnológicos e experimentais) que favoreçam a investigação e a ação docente-discente. Tais projetos distinguem-se dos projetos interdisciplinares, pois nem sempre pressupõem a articulação entre diferentes áreas do saber; o elemento definidor dos projetos interativos é a intensificação da interação entre sujeitos e objeto de estudo, com ênfase na problematização e no protagonismo estudantil. Essas práticas, alinhadas às metodologias ativas, deslocam o estudante da posição passiva para uma postura proativa na construção do saber, contribuindo para experiências pedagógicas mais significativas e situadas na realidade cotidiana dos aprendizes (Bacich; Moran, 2018, p. 22). Compreende-se que: [...] O estágio, ao contrário do que se propugnava, não é atividade prática, mas teórica, instrumentalizadora da *práxis* docente, entendida esta atividade como atividade de transformação da realidade. Nesse sentido, o estágio curricular é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, esta sim, objeto de *práxis*, ou seja, é no contexto da sala de aula, da escola, do sistema de ensino e da sociedade que a *práxis* se dá (Pimenta; Lima, 2004, p. 45).

Para Carl Sagan (1996, p. 25), “A ciência não é apenas um corpo de conhecimento; é uma maneira de pensar”, nessa lógica, o ensino de ciências vai além da transmissão de fatos e conceitos; ele envolve o desenvolvimento de habilidades cognitivas, como o pensamento crítico, a curiosidade e a capacidade de questionar o mundo. A frase de Sagan reforça a importância de ensinar ciências não apenas como um conjunto de conhecimentos teóricos, mas como um processo ativo que capacita os alunos a compreenderem o mundo e a enfrentarem desafios com base em evidências e racionalidade. Isso torna o ensino de ciências uma ferramenta essencial para a formação cidadã.

Segundo o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal Goiano – Campus Ceres (IF Goiano, 2017, p. 34), o estágio supervisionado é uma dimensão essencial da formação, organizada em etapas que incluem observação, participação e regência em diferentes níveis de ensino. Essa estrutura possibilita ao estudante articular os conhecimentos científicos e pedagógicos à prática docente, promovendo uma compreensão ampla do ambiente escolar e de suas dinâmicas. O documento destaca ainda que o estágio visa “proporcionar experiências que articulem o conhecimento teórico à realidade educacional, favorecendo a construção da identidade docente e o desenvolvimento de competências profissionais voltadas à docência”.

Além disso, conforme análise de Moraes, Ferreira e Schütz (2024, p. 47), o currículo da Licenciatura em Ciências Biológicas do IF Goiano tem buscado harmonizar a formação específica na área de Biologia com a formação pedagógica, assegurando que o futuro professor compreenda o contexto social e político em que atua e seja capaz de transformar a realidade educativa a partir de práticas fundamentadas e reflexivas.

Desse modo, o Estágio Curricular Supervisionado no curso de Ciências Biológicas constitui-se como um espaço de integração entre o saber e o fazer docente, contribuindo significativamente para a consolidação da identidade

profissional. Assim, este artigo, escrito no formato de um relato de experiência, tem como objetivo apresentar as vivências e reflexões desenvolvidas durante o período de Estágio Supervisionado e a Semi-regência, analisando como essas práticas contribuíram para o processo de formação docente e para a construção de uma visão crítica sobre o ensino de Biologia na educação básica pública.

II. Desenvolvimento

Estágio curricular supervisionado I

O Estágio Curricular Supervisionado (ECS) constitui-se como um dos momentos mais significativos na formação inicial de professores, pois possibilita a articulação entre teoria e prática, promovendo a construção da identidade docente (PIMENTA; LIMA, 2004). Para Freire (1996), a prática educativa deve ser uma ação consciente e dialógica, capaz de transformar tanto o educador quanto o educando. Nesse sentido, o ECS favorece o contato com a realidade escolar, a compreensão das dinâmicas que compõem o ambiente escolar, a aplicação de metodologias que visam à aprendizagem significativa e ajuda a construir a identidade como futuros educadores.

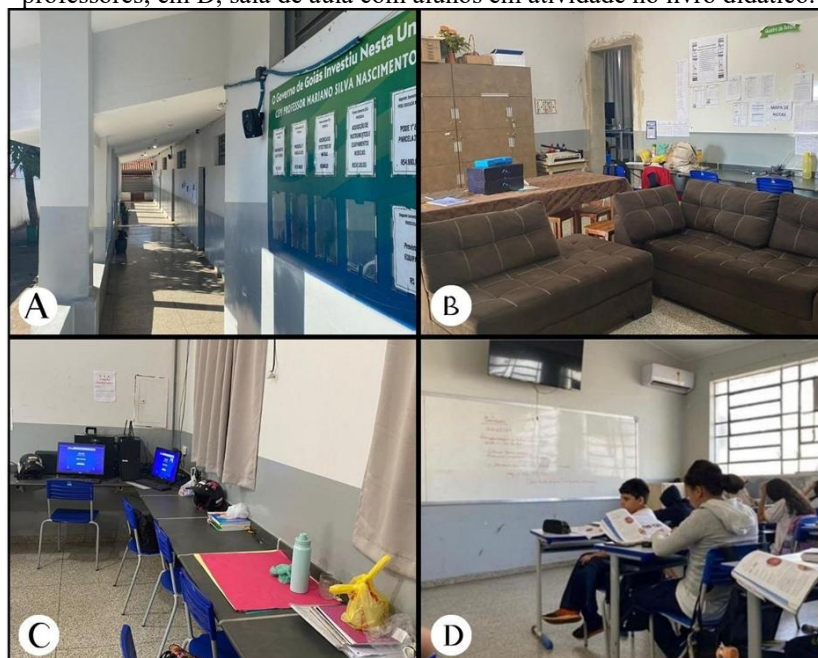
A realização do Estágio I aconteceu de forma presencial, no primeiro semestre de 2024, no Centro de Ensino em Período Integral Professor Mariano Silva Nascimento, localizado na cidade de Carmo do Rio Verde/GO, na disciplina de Ciências da Natureza com as turmas do 6º ano A e B, que possuíam entre 16 e 18 alunos, respectivamente. O colégio conta com a carga horária de período integral, com as aulas tendo início às 07h:30min e se encerrando às 17h. No seu organograma a instituição conta com: a diretora, Lúcia Vane Alves dos Santos; a coordenadora pedagógica, Luciana Ribeiro Silva, e possui em seu quadro 31 funcionários, dentre esses, 18 docentes, 1 nutricionista, 4 faxineiras, 3 cozinheiras e 3 auxiliares de pátio.

O Estágio I é oferecido no 5º semestre letivo do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, conta com 100 horas de carga horária e tem por objetivo geral o reconhecimento da realidade escolar. O foco do Estágio I esteve na observação sistemática das aulas, da gestão escolar e das interações entre os alunos e a professora. Conforme Pimenta e Lima (2004), o estágio não se limita à execução prática, mas é também um processo investigativo, no qual o licenciando analisa e interpreta a realidade escolar para fundamentar intervenções futuras.

Durante essa etapa, pude observar aulas de temas variados como, energias renováveis e não renováveis, separação de misturas e órgãos dos sentidos, bem como houve a participação como estagiária nas reuniões pedagógicas e ações colaborativas com docentes e gestores.

A instituição de ensino onde o estágio supervisionado foi realizado possui uma estrutura física simples, porém acolhedora e eficiente, que contribui para o processo de ensino-aprendizagem. A entrada da escola (Figura 1A) mostra um ambiente organizado, refletindo o compromisso da administração escolar com a educação pública de qualidade. As salas dos professores (Figura 1B e 1C) apresentam um espaço modesto, porém funcional e bem planejado para atender às necessidades do corpo docente no que se refere ao planejamento pedagógico e ao compartilhamento de saberes. A disposição dos móveis, com mesas coletivas e sofás em formato circular, favorece o diálogo e a colaboração entre os educadores. Essa organização espacial, além de proporcionar conforto, estimula a troca de experiências e a construção coletiva do conhecimento, configurando o ambiente como um espaço de convivência e formação contínua. A sala de aula (Figura 1D) retrata a rotina escolar dos estudantes enquanto utilizam o livro didático, em um ambiente tradicional, porém adequado para o desenvolvimento das atividades didático-pedagógicas.

Figura 1 - Estrutura da escola campo de estágio supervisionado: Em A, entrada da escola; em B e C, sala dos professores; em D, sala de aula com alunos em atividade no livro didático.

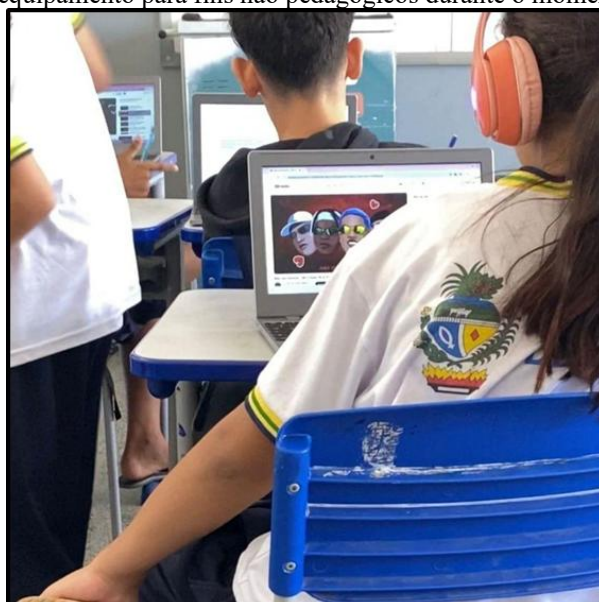


Fonte: Arquivo pessoal (2024).

A presença de recursos tecnológicos, como *Chromebook*¹ e projetores, presentes na escola, representou um potencial para enriquecer as aulas, mas também trouxe desafios relacionados ao seu uso pedagógico devido a distração em sites não vinculados à aula. Kenski (2012) afirma que, a tecnologia, sem a devida mediação, pode não gerar inovação e até comprometer a aprendizagem. Outro ponto crítico foi a constatação de dificuldades de leitura e escrita, reforçando a necessidade de integração entre áreas do conhecimento (Zabala, 1998).

Durante o período de regência da professora e minha observação, consegui perceber algumas situações que refletem os desafios contemporâneos no uso de tecnologias digitais em sala de aula. Embora o *Chromebook* seja uma ferramenta pedagógica importante para dinamizar as práticas de ensino, o uso inadequado desses recursos ainda é recorrente. Na imagem (Figura 2), observa-se uma aluna utilizando o aparelho para ouvir música (estilo funk) enquanto deveria estar realizando as atividades propostas. Esse comportamento demonstra a necessidade de um acompanhamento mais próximo por parte do professor, bem como a importância de promover a conscientização dos estudantes sobre o uso responsável das tecnologias no ambiente escolar.

Figura 2 – Uso inadequado do Chromebook em sala de aula em desconformidade com a legislação vigente: A aluna utilizando o equipamento para fins não pedagógicos durante o momento de estudo.



Fonte: Arquivo pessoal (2024).

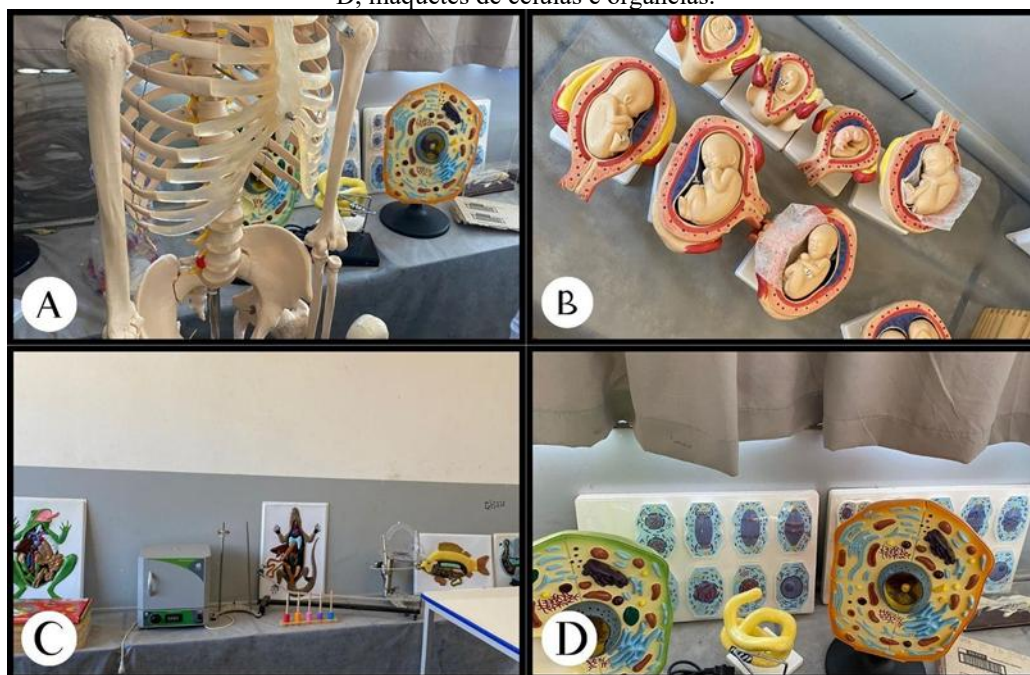
A situação acima retratada também encontra respaldo na Lei nº 15.100, de 13 de janeiro de 2025, que dispõe sobre a proibição do uso recreativo de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais — incluindo celulares e dispositivos similares — durante as aulas, recreios e intervalos nas escolas de educação básica, tanto públicas quanto privadas. O texto legal prevê exceções apenas para fins pedagógicos, de acessibilidade, saúde ou em situações justificadas. Tal legislação reforça o papel do docente na mediação do uso consciente das tecnologias e na promoção de um ambiente escolar mais focado no aprendizado e na disciplina.

Também percebi que, apesar da escola possuir um laboratório de ciências equipado, este não estava disponível para uso no período das observações devido reforma no centro de ensino, essa situação limitou a realização de experimentos mais aprofundados e de aulas práticas de Ciências da Natureza no laboratório, momentos geralmente aguardados com entusiasmo pelos discentes e ofertados, quase que exclusivamente em aulas de práticas de Ciências. Essa ausência impacta negativamente a aprendizagem, pois, segundo Carvalho (2017), a experimentação é fundamental para consolidar conceitos científicos e estimular o pensamento investigativo dos alunos.

Entre os recursos disponíveis no laboratório (Figura 3), observam-se modelos anatômicos de esqueleto humano (A), representações do desenvolvimento embrionário (B), modelos anatômicos de vertebrados (C) e maquetes de células e suas organelas (D). Esses materiais possuem o objetivo de auxiliar na compreensão de conteúdos biológicos de forma visual e interativa, proporcionando aulas mais dinâmicas e contextualizadas.

¹Chromebook é um laptop com Chrome OS, usado em escolas para acesso rápido a recursos online e atividades educacionais.

Figura 03 – Laboratório de Ciências da escola campo de estágio supervisionado: Em A, modelo de esqueleto humano; em B, representações do desenvolvimento embrionário; em C, modelos anatômicos de vertebrados; em D, maquetes de células e organelas.



Em decorrência da indisponibilidade do laboratório, as aulas práticas acabam sendo adaptadas para a sala de aula comum, conforme representado na Figura 4. Nesse contexto, os alunos realizam estudos anatômicos utilizando o modelo de esqueleto humano, sob orientação docente, como alternativa à falta de acesso ao ambiente próprio. Embora a sala de aula não proporcione as mesmas condições experimentais, essa adaptação demonstra o comprometimento da professora supervisora em buscar estratégias para tornar o processo de ensino-aprendizagem mais significativo e próximo da prática científica.

Tal realidade evidencia a importância de políticas escolares que incentivem o uso efetivo dos laboratórios e a formação continuada de professores, de modo que a experimentação científica possa ser incorporada como parte essencial do currículo de Ciências.

Figura 4 – Aula adaptada em sala devido à indisponibilidade do laboratório: Em A e B, alunos realizando estudo anatômico com o modelo de esqueleto humano sob mediação do professor regente.



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Ademais, a docente regente implementou uma estratégia para a criação de um ambiente seguro e acolhedor em sala de aula, ao final de toda aula, era destacado o bom desempenho e melhorias dos alunos das duas turmas. Black e Wiliam (2009) destacam que o feedback contínuo, com orientações claras sobre o progresso e as áreas de melhoria, impulsiona o aprendizado dos alunos. Essa prática pode proporcionar uma aprendizagem mais eficaz e propiciar o acompanhamento do desenvolvimento educacional, favorecendo a validação e uma relação positiva entre aluno e professor.

O quadro 1 oferece um resumo das abordagens educacionais identificadas no ECS I, ressaltando os tópicos discutidos, as técnicas aplicadas, as metas de ensino esperadas e as opiniões sobre os resultados alcançados.

Quadro 1 – Síntese de estratégias de ensino desenvolvidas pela professora supervisora e observadas no ECS I

Conteúdo abordado	Estratégia utilizada	Objetivo pedagógico	Observações dos resultados obtidos
Energias renováveis e não renováveis	Leitura coletiva e elaboração de resumo	Desenvolver compreensão conceitual e síntese textual	Engajamento parcial; dificuldades de escrita em alguns alunos
Separação de misturas	Aula expositiva dialogada e experimento prático	Relacionar teoria e prática experimental	Interesse elevado durante a prática; limitação no uso do laboratório
Órgãos dos sentidos	Uso de recursos digitais e elaboração de cartazes	Associar conhecimento científico à realidade cotidiana	Criatividade dos alunos; dispersão em alguns momentos

Fonte: Elaboração própria (2025)

Ao analisar as estratégias de ensino observadas durante o estágio, constata-se que cada proposta contribuiu de forma distinta para o desenvolvimento das aprendizagens dos alunos. A atividade sobre energias renováveis e não renováveis, baseada na leitura coletiva e na elaboração de resumos, favoreceu a compreensão conceitual e a construção de sínteses textuais, embora tenham sido observadas dificuldades de escrita em alguns estudantes.

A aula sobre separação de misturas apresentou resultados mais expressivos em termos de engajamento, evidenciando que a prática experimental potencializa a participação e a compreensão dos conteúdos científicos, mesmo diante das limitações de infraestrutura.

Já o uso de recursos digitais e a confecção de cartazes, no tema dos órgãos dos sentidos, promoveram a criatividade e o vínculo entre o conhecimento científico e o cotidiano dos alunos. Nesse sentido, confirma-se a importância da diversificação metodológica, uma vez que “a variedade de estratégias de ensino contribui para atender às diferenças individuais e ampliar as possibilidades de aprendizagem” (LIBÂNEO, 2013, p. 87). Assim, como estagiária, foi possível compreender que a escolha criteriosa das metodologias é fundamental para articular teoria e prática e favorecer uma aprendizagem significativa.

Estágio curricular supervisionado II

O ECS II, realizado no segundo semestre de 2024, marcou a transição da observação para a atuação efetiva em sala de aula, por meio de atividades de semi-regência e regência. Esta fase se deu em continuidade no Centro de Ensino em Período Integral Professor Mariano Silva Nascimento, com as turmas do 6º ano A e B, contemplando conteúdos como sistema esquelético, sistema articular e órgãos dos sentidos. As metodologias utilizadas incluíram aula expositiva dialogada, uso de recursos visuais (modelos anatômicos, imagens e vídeos), atividades práticas, elaboração de cartazes e mapas mentais, bem como momentos de debate em grupo.

Para Dewey (1979), a aprendizagem ocorre na interação com situações reais, e nesse sentido, cada plano de aula foi elaborado considerando a realidade e as necessidades das turmas. O planejamento incluiu a determinação de metas específicas, a seleção de métodos apropriados, recursos disponíveis e diversas formas de avaliação. A realização desses planos permitiu uma abordagem organizada e consistente, em que a teoria e a prática se integraram de maneira natural.

Durante o estágio, foi constatado um desafio específico: no início do ano letivo, a professora de Ciências da turma pediu demissão, o que ocasionou mudanças na gestão escolar e a contratação de uma nova docente, recém-formada em Ciências Biológicas e oriunda da área da gestão escolar. Essa modificação gerou uma lacuna nos conteúdos, principalmente no 6º ano B, que permaneceu um período sem aulas regulares da disciplina. Tal situação demandou adaptações no planejamento e reforço dos conteúdos fundamentais para garantir a continuidade da aprendizagem, que foi realizada de maneira singular pela nova professora supervisora.

Por relatos da docente supervisora, constatou-se que não houve incentivo à realização da Feira de Ciências por três anos consecutivos. Essa ausência evidencia a fragilidade das práticas voltadas à iniciação científica e à formação investigativa dos alunos. De acordo com Farias e Gonçalves (2007), a Feira de Ciências constitui um espaço privilegiado de diálogo entre diferentes saberes, permitindo que os estudantes compartilhem

descobertas, desenvolvam a curiosidade e exercitem a autonomia intelectual. A falta dessa atividade na escola limita o desenvolvimento de competências científicas e criativas, reduzindo as oportunidades de integração entre teoria e prática.

Nesse sentido, a Feira de Ciências ultrapassa o caráter expositivo e assume uma função formativa, pois possibilita o protagonismo discente, o trabalho coletivo e a valorização do processo de investigação. Conforme Demo (2015, p. 42), “a pesquisa é um princípio educativo que estimula a curiosidade, a criticidade e o aprender a aprender”, aspectos essenciais para uma aprendizagem significativa e contextualizada. Além disso, segundo Carvalho (2013), experiências investigativas no espaço escolar promovem o pensamento científico e fortalecem a relação dos estudantes com o conhecimento de forma ativa e reflexiva. Dessa maneira, a ausência de eventos como a Feira de Ciências compromete o desenvolvimento integral dos educandos e a consolidação de uma cultura científica no ambiente escolar.

Durante o período da semi-regência, a estagiária realizou uma visita à biblioteca da escola com o objetivo de verificar se havia uma estrutura organizada, porém o que foi observado reflete a realidade de muitas instituições públicas brasileiras. O ambiente continha apenas alguns livros, insuficientes para atender à demanda dos alunos e pouco atrativos à leitura. Essa limitação acarreta dificuldades de interpretação e compreensão textual, reforçando a necessidade de políticas efetivas de incentivo à leitura e valorização dos espaços de aprendizagem. Marques e Silva (2009, p. 2) destacam que, “a situação em que a biblioteca escolar se encontra é reflexo da falta de medidas governamentais e de um total desconhecimento da sua função”.

De acordo com levantamento recente do Tribunal de Contas do Brasil (ATRICON, 2023), apenas 48% das escolas públicas brasileiras possuem biblioteca ou sala de leitura. A situação é ainda mais preocupante nas regiões Norte e Nordeste, estudos da Câmara dos Deputados indicam que somente 16% e 18% das escolas dessas regiões, respectivamente contam com esse espaço (Brasil, 2022). A ausência de bibliotecas escolares compromete o acesso à informação, o desenvolvimento de hábitos de leitura e a formação de leitores críticos, elementos essenciais para a consolidação da aprendizagem significativa e do pensamento autônomo.

A regência permitiu à estagiária vivenciar diretamente a dinâmica da sala de aula, administrar o tempo, aplicar atividades e avaliar os resultados. Os planos de aula criados incluíram períodos de ensino de conteúdo teórico mesclados com práticas interativas, como identificação de ossos e articulações em modelos anatômicos, confecção de cartazes ilustrativos sobre os órgãos dos sentidos e resolução de atividades de fixação com correção coletiva. Houve momentos de grande participação dos alunos, especialmente nas atividades que envolviam recursos concretos e práticas experimentais. Entretanto, também foram enfrentadas situações de indisciplina e dispersão, exigindo estratégias de mediação e adaptação metodológica para manter o foco e o engajamento.

Nesse contexto, a figura 5 mostra um ambiente em que os alunos interagem entre si e com a professora regente, desenvolvendo tarefas que estimulam a troca de conhecimentos, a resolução conjunta de problemas e o fortalecimento de laços interpessoais. Essa dinâmica evidencia a importância de práticas pedagógicas que valorizem a mediação docente e o trabalho em equipe, promovendo um ambiente educativo participativo e voltado à construção coletiva do saber.

Figura 05– Relação professor-aluno em diferentes ambientes de aprendizagem: Em A e B, evidencia-se a cooperação entre estudantes e a mediação docente durante atividades desenvolvidas no laboratório e em sala de aula.



Fonte: Arquivo pessoal (2024).

A relação construída com os alunos foi um aspecto central para o êxito das atividades. O diálogo constante, o respeito mútuo e o incentivo à participação criaram um ambiente colaborativo e convidativo ao aprendizado. Como destaca Freire (1996), a educação é um ato dialógico, e a proximidade entre professor e aluno potencializa a construção do conhecimento.

Em resumo, o ECS II ofereceu um entendimento mais profundo sobre a complexidade do trabalho de ensinar, destacando a relevância de um planejamento adaptável, atenção às necessidades da classe e conhecimento de várias abordagens de ensino para facilitar aprendizados relevantes, mesmo diante de dificuldades estruturais e organizacionais.

O quadro 2 ilustra resumidamente os planos de ensino utilizados no ECS II, destacando como os objetivos de aprendizado se conectam com as metodologias e os materiais utilizados, assim como os métodos de avaliação escolhidos.

Quadro 2 – Planos de aula aplicados durante o ECS II

Tema	Objetivos de aprendizagem	Metodologia e recursos	Avaliação da aprendizagem
Sistema Esquelético	Identificar os principais ossos do corpo humano e suas funções	Aula expositiva dialogada, uso de esqueleto anatômico, mapa mental e atividade de fixação	Correção coletiva de exercícios; observação da participação e interação dos alunos
Órgãos dos sentidos	Compreender a função de cada órgão e sua importância para o corpo humano	Vídeos educativos, debates em grupo, elaboração de cartazes ilustrativos	Apresentação dos cartazes e auto avaliação oral
Sistema articular	Reconhecer os tipos de articulações e sua relação com o movimento	Aulas práticas com modelos e imagens, demonstração com movimentos corporais	Questionário de aplicação imediata; feedback oral

Fonte: Elaboração própria.

Durante o período de regência, pôde-se perceber contrastes marcantes entre as turmas do 6º ano A e B, o que exigiu diferentes posturas pedagógicas. A turma A apresentou boa participação e, em muitos momentos, conseguia trabalhar de maneira conjunta, demonstrando curiosidade e envolvimento nas discussões. Havia alunos que faziam perguntas pertinentes e revelavam interesse genuíno pelos conteúdos, o que tornava as aulas mais dinâmicas. Entretanto, também existiam estudantes que, por vezes, tentavam dispersar ou atrapalhar os colegas, exigindo da estagiária a adoção de estratégias diferenciadas para manter o foco coletivo. Já o 6º ano B representou um desafio distinto: tratava-se de uma turma marcada pela segregação entre grupos e composta, em sua maioria, por alunos carentes de atenção e estímulo. O processo de ensino com essa turma demandou um esforço contínuo da estagiária e da professora supervisora, tanto na adaptação das atividades quanto no acompanhamento individualizado, para garantir a participação e a aprendizagem de todos. Essa vivência permitiu a compreensão de dois lados da prática docente, o de uma turma com boa interação e o de outra que exigia maior sensibilidade e persistência, revelando, na prática, a complexidade do trabalho educativo.

Durante as aulas no Estágio Curricular Supervisionado II, pôde-se perceber transformações significativas não apenas nos estudantes, mas também na estagiária enquanto futura professora. Ao aplicar as atividades planejadas, como aulas dialogadas, debates e práticas sobre o sistema esquelético, órgãos dos sentidos e sistema articular, notou-se avanços na participação, na curiosidade e na autonomia dos alunos, especialmente quando as estratégias contemplavam situações do cotidiano. Essa percepção reforçou o entendimento de que o ensino de Ciências deve partir da realidade do educando e valorizá-lo como sujeito ativo do processo de aprendizagem. Do ponto de vista pessoal e formativo, essa vivência configurou-se como um momento-charneira (Ferreira, 2021, p. 15), pois transformou a maneira como a estagiária compreendeu o papel docente: deixou de se ver apenas como transmissora de conteúdos e passou a reconhecer-se como mediadora das experiências de aprendizagem, sensível às diferenças, aos afetos e às potencialidades da turma. A cada intervenção, a escuta atenta da professora supervisora e os retornos dos alunos impulsionaram a repensar posturas, aperfeiçoar estratégias e fortalecer a identidade profissional docente. Assim, os resultados obtidos nas aulas não se restringiram ao progresso conceitual dos estudantes, mas também à construção de uma consciência pedagógica mais reflexiva e humana, consolidando o estágio como um espaço de formação integral e de descoberta da docência.

III. Conclusão

O Estágio Curricular Supervisionado do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas constitui uma etapa essencial para a formação acadêmica e profissional, pois possibilita ao licenciando vivenciar a prática docente de forma direta e significativa. O acompanhamento da professora supervisora da escola-campo foi fundamental para o aprendizado, pois, além de demonstrar estratégias pedagógicas eficientes, orientou a estagiária sobre como se portar em sala de aula, compreender a realidade dos alunos e adaptar as atividades às suas necessidades. Por meio da observação e do diálogo constante, pôde-se perceber a importância do planejamento de aulas diversificadas, gerir o tempo e o espaço de maneira adequada, manter o engajamento da turma e

desenvolver uma postura empática e reflexiva diante das situações cotidianas. Essa convivência contribuiu para a formação profissional da estagiária, mostrando que um ensino realmente eficaz vai além da transmissão de conteúdos: envolve ouvir, compreender, mediar e valorizar o protagonismo dos estudantes, proporcionando experiências de aprendizagem significativas e gratificantes.

Paulo Freire (1996, p. 25) afirma que, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Assim, cabe ao professor estruturar estratégias que favoreçam o aprendizado ativo e o envolvimento dos alunos, fortalecendo o papel da sala de aula como espaço de construção coletiva de saberes. Essas melhorias não apenas beneficiam o aprendizado, mas também promovem uma relação mais harmoniosa e eficaz entre professor e alunos, contribuindo para o sucesso escolar e social dos educandos.

Toda experiência que adquirida no período do estágio foi essencial para o crescimento da estagiária, enquanto futura professora de ciências e biologia. Além de reforçar a importância do planejamento e da flexibilidade no ensino, o ECS a preparou para enfrentar desafios reais da sala de aula, estimulando-a a buscar soluções criativas e eficazes para promover o aprendizado. Essa vivência não apenas consolidou seu desejo de atuar na área de educação, mas também a fez enxergar a importância do papel do professor como agente de transformação social, compartilhando da compreensão de Ferreira (2021, p. 19), “que o ECS foi responsável por produzir identificação e reconhecimento com a profissão docente”. Conclui-se que o Estágio é uma etapa enriquecedora, que pode deixar marcas positivas e inspirar a buscar aprimoramento constante para exercer a profissão docente em ciências e biologia, principalmente no contexto do interior do estado de Goiás.

Referências

- [1]. Atricon. Bibliotecas Nas Escolas Públicas Brasileiras – Relatório Nacional De 2023. Brasília: Associação Dos Membros Dos Tribunais De Contas Do Brasil, 2023. Disponível Em: <https://Atricon.Org.Br/Wp-Content/Uploads/2024/04/Bibliotecas-Escolas-Publicas-2023.Pdf>. Acesso Em: 1 Nov. 2025.
- [2]. Bacich, Lilian; Moran, José (Orgs.). Metodologias Ativas Para Uma Educação Inovadora: Uma Abordagem Teórico-Prática. Porto Alegre: Penso, 2018. P. 22.
- [3]. Black, Paul; Wiliam, Dylan. Developing The Theory Of Formative Assessment. Educational Assessment, Evaluation And Accountability, V. 21, N. 1, P. 5–31, 2009.
- [4]. Brasil. Lei Nº 15.100, De 13 De Janeiro De 2025. Dispõe Sobre A Utilização, Por Estudantes, De Aparelhos Eletrônicos Portáteis Pessoais Nos Estabelecimentos Públicos E Privados De Educação Básica, Proibindo Seu Uso Recreativo Durante Aulas, Recreios E Intervalos, Com Exceções Para Fins Pedagógicos, De Saúde Ou Acessibilidade. Diário Oficial Da União: Seção 1, Brasília, Df, 14 Jan. 2025. Disponível Em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2025/Lei/L15100.htm. Acesso Em: 15 Out. 2025.
- [5]. Brasil. Resolução Cne/Cp N. 02/2015, De 1 De Julho De 2015. Define As Diretrizes Curriculares Nacionais Para A Formação Inicial Em Nível Superior (Cursos De Licenciatura, Cursos De Formação Pedagógica Para Graduados E Cursos De Segunda Licenciatura) E Para A Formação Continuada. Brasília-Df: Mec, 2015. Disponível Em: <http://portal.mec.gov.br/docman/agosto-2017-pdf/70431-res-cne-cp-002-03072015-pdf/file>. Acesso Em: 23 Mar. 2024.
- [6]. Brasil. Lei De Diretrizes E Bases Da Educação Nacional. Lei Nº 9.394, De 20 De Dezembro De 1996. Brasília: Mec, 1996.
- [7]. Câmara Dos Deputados. Bibliotecas Escolares No Brasil: Diagnóstico E Perspectivas. Brasília: Câmara Dos Deputados, 2022. Disponível Em: https://bd.camara.leg.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/34382/Bibliotecas_Escolares_Oria.Pdf. Acesso Em: 1 Nov. 2025.
- [8]. Carvalho, Anna Maria Pessoa De. Ensino De Ciências Por Investigação: Condições Para Implementação Em Sala De Aula. São Paulo: Cengage Learning, 2017.
- [9]. Demo, Pedro. Educar Pela Pesquisa. 12. Ed. Campinas: Autores Associados, 2015.
- [10]. Dewey, John. Democracia E Educação: Uma Introdução À Filosofia Da Educação. São Paulo: Nacional, 1979.
- [11]. Farias, Isabel Maria Sabino De; Gonçalves, Terezinha Da Silva. Feira De Ciências: Uma Estratégia De Ensino Para O Desenvolvimento Da Autonomia Do Aluno. Revista Eletrônica De Enseñanza De Las Ciencias, V. 6, N. 1, P. 110–127, 2007.
- [12]. Ferreira, Gustavo Lopes. O Estágio Curricular Supervisionado: Momento-Charneira Para A Formação De Professoras De Ciências E Biologia. In: Sandro Prado Santos; Francielle Amâncio Pereira; Matheus Moura Martins. (Org.). Contextos Formativos E A Docência Em Tempo De Pandemia: Fiando Redes Com A Educação Em Ciências E Biologia. 1ed. Uberlândia-Mg: Edufu, 2021, P. 16-31.
- [13]. Freire, Paulo. Pedagogia Do Oprimido. 17. Ed. Rio De Janeiro: Paz E Terra, 1987.
- [14]. Freire, Paulo. Pedagogia Da Autonomia: Saberes Necessários À Prática Educativa. São Paulo: Paz E Terra, 1996.
- [15]. If Goiano. Projeto Pedagógico Do Curso De Licenciatura Em Ciências Biológicas – Campus Ceres. Ceres: If Goiano, 2017.
- [16]. Kenski, Vani Moreira. Educação E Tecnologias: O Novo Ritmo Da Informação. Campinas: Papirus, 2012.
- [17]. Lemes, Selma Maria; Costa, Maria Cristina Da; Gomes, Renata. A Relação Entre Teoria E Prática No Estágio Supervisionado. Revista Eletrônica De Educação, V. 5, N. 2, P. 211–223, 2011.
- [18]. Libâneo, José Carlos. Didática. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- [19]. Marques, Daisy De Oliveira; Silva, Fábio Da. A Biblioteca Escolar No Brasil: Panorama E Perspectivas. Revista Acb: Biblioteconomia Em Santa Catarina, V. 14, N. 1, P. 1–16, 2009.
- [20]. Morais, Paula Fernanda Dos Santos; Ferreira, Gustavo Lopes; Schütz, Jenerton Arlanschütz. The Teacher Training Curriculum: An Analysis Of Course Projects For A Degree In Biological Sciences. Iosr Journal Of Humanities And Social Science, V. 29, N. 3, P. 45–55, 2024. Doi:10.9790/0837-2903114555.
- [21]. Pimenta, Selma Garrido; Lima, Maria Socorro Lucena. Estágio E Docência. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- [22]. Sagan, Carl. O Mundo Assombrado Pelos Demônios: A Ciência Vista Como Uma Vela No Escuro. São Paulo: Companhia Das Letras, 1996.
- [23]. Zabala, Antoni. A Prática Educativa: Como Ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.